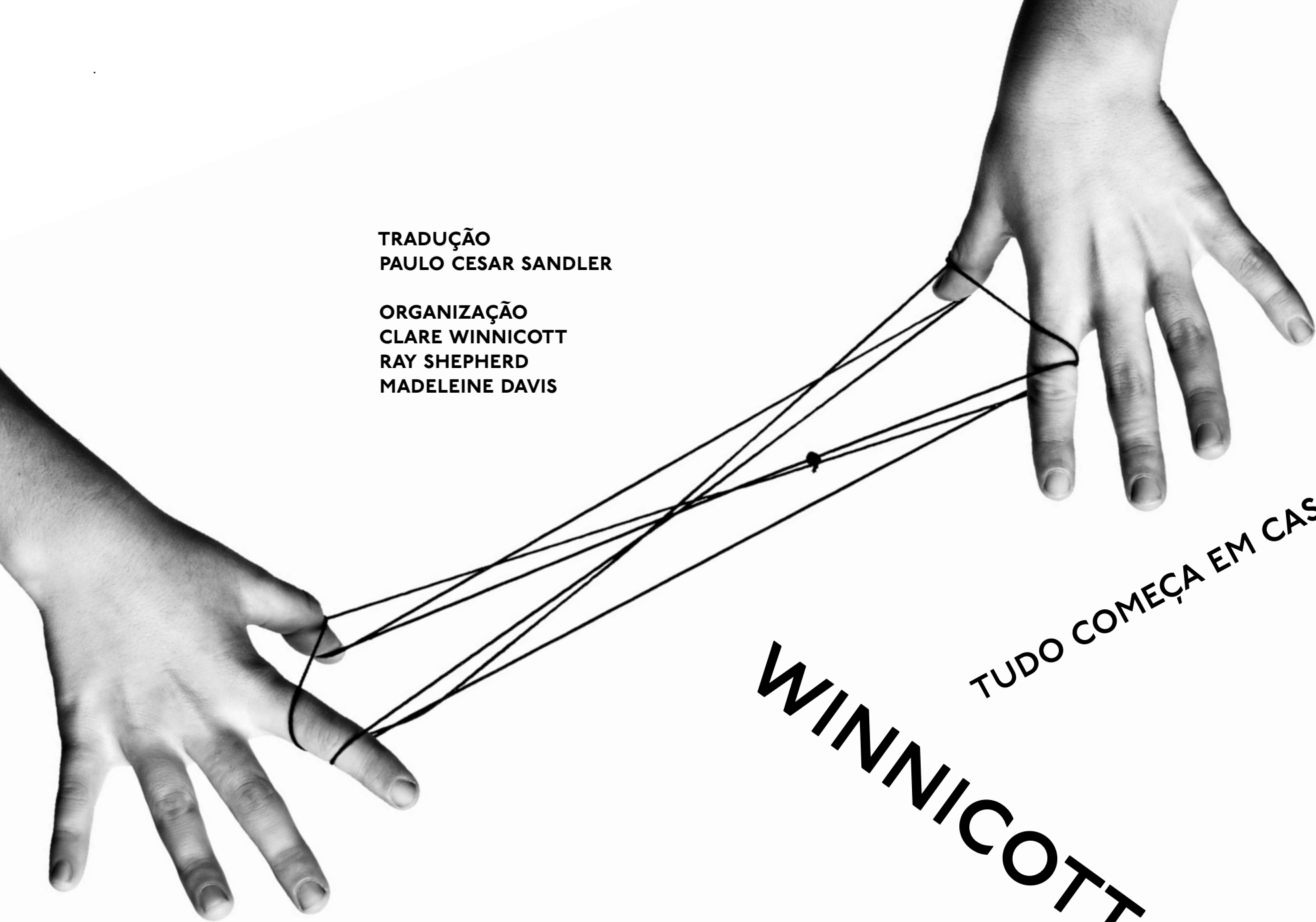


TRADUÇÃO
PAULO CESAR SANDLER

ORGANIZAÇÃO
CLARE WINNICOTT
RAY SHEPHERD
MADELEINE DAVIS



TUDO COMEÇA EM CASA

WINNICOTT

- 9 Nota dos organizadores
- 11 Psicanálise e ciência: amigas ou parentes?

PARTE I SAÚDE E DOENÇA

- 21 1. O conceito de indivíduo saudável
- 43 2. Vivendo criativamente
- 62 3. *Sum*: eu sou
- 75 4. O conceito de falso self
- 82 5. O valor da depressão
- 93 6. Agressividade, culpa e reparação
- 105 7. A delinquência como sinal de esperança
- 118 8. Tipos de psicoterapia
- 131 9. Cura: uma conversa com médicos

PARTE II A FAMÍLIA

- 145 1. A contribuição da mãe para a sociedade
- 151 2. A criança no grupo familiar
- 167 3. O aprendizado infantil
- 177 4. A imaturidade do adolescente

PARTE III REFLEXÕES SOBRE A SOCIEDADE

- 201 1. O pensar e o inconsciente
- 204 2. O preço de desconsiderar a pesquisa psicanalítica
- 217 3. Este feminismo
- 231 4. A pílula e a Lua
- 250 5. Discussão dos objetivos da guerra
- 264 6. Os muros de Berlim
- 272 7. Liberdade
- 284 8. Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia”
- 309 9. O lugar da monarquia

- 321 Índice remissivo
- 329 Sobre o autor

*Casa é onde tudo começa. À medida que envelhecemos
O mundo se torna mais estranho, mais intrincada essa questão
De distinguir mortos e vivos. Não o intenso momento
Isolado, sem antes e depois,
Mas toda uma vida ardendo a cada instante.*

T. S. ELIOT, "East Coker", *Quatro Quartetos*, 1943.

NOTA DOS ORGANIZADORES

Quando Donald Woods Winnicott morreu, em 1971, deixou mais ou menos oitenta artigos inéditos. Além desses, havia outros, publicados em livros e revistas que já se tornaram difíceis de encontrar. Desses dois grupos extraiu-se a maior parte do presente volume, mas, à medida que as seções tomavam forma, alguns artigos dos livros de Winnicott foram acrescentados, como um fechamento.

O próprio autor planejava fazer novas coletâneas de seus trabalhos; se pudesse fazê-lo, é improvável que a seleção e o arranjo do material fossem iguais aos desta compilação. A seleção, portanto, é de nossa responsabilidade, e somos gratos a Robert Tod pela ajuda nas etapas iniciais. A edição dos trabalhos inéditos foi, propositalmente, mínima – mesmo porque imaginamos que Winnicott provavelmente os teria melhorado antes de apresentá-los ao público.

O princípio a que obedecemos na seleção dos artigos foi a amplitude de interesses e preocupações. Quase todos eram palestras e conferências, pois Winnicott gostava de atender a pedidos para falar a plateias amplas e variadas. O resultado é um livro no qual as ideias e os temas às vezes se repetem; esperamos que, apesar disso, eles demonstrem a profundidade de sua convicção de que a estrutura da sociedade reflete a natureza do indivíduo e da família, e também o agudo senso de responsabilidade de seu autor pela sociedade específica na qual viveu. Esperamos ainda que o livro agrade ao leitor – algo que Winnicott teria desejado de modo especial.

*Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis
Londres, fevereiro de 1983.*

PSICANÁLISE E CIÊNCIA: AMIGAS OU PARENTES?

[1961]

A psicanálise é um método para tratar psicologicamente pessoas psiquiatricamente doentes, ou seja, sem o uso de aparelhos, drogas ou hipnose.¹ Foi desenvolvida por Sigmund Freud na virada do século XX, época em que a hipnose era empregada para eliminar sintomas. Insatisfeito com os resultados que ele e seus colegas obtinham com essa técnica – mais do que isso, ele descobriu que sua compreensão do paciente era prejudicada quando removia um sintoma pela hipnose –, Freud adaptou o *setting* da hipnose a um contexto em que trabalhava com o paciente, em pé de igualdade, deixando o tempo trazer aquilo que fosse possível. O paciente vinha todos os dias, na hora combinada, e não havia pressa em eliminar sintomas, já que uma tarefa mais importante emergiu: permitir que o paciente se revelasse a si próprio. Dessa forma, Freud também obtinha dados e podia usá-los tanto para deles fazer uma interpretação como para gradualmente construir uma nova ciência: a ciência a que hoje chamamos psicanálise e que também poderíamos chamar de psicologia dinâmica.

1 Palestra proferida na Oxford University Scientific Society, em 19 de maio de 1961.

A *psicanálise*, portanto, é um termo que se refere especificamente a um método e a um corpo teórico em crescimento, uma teoria que diz respeito ao desenvolvimento emocional do indivíduo humano. É uma ciência aplicada que se baseia em uma ciência.

Veja que usei a palavra “ciência”, o que mostra que, do meu ponto de vista, Freud de fato iniciou uma nova ciência, uma extensão da fisiologia, uma ciência que se preocupa com a personalidade humana, com o caráter, a emoção e o esforço. Essa é minha tese.

Mas o que “ciência” quer dizer? Eis aí uma questão que foi muitas vezes formulada – e respondida.

Eu diria, a respeito dos cientistas, que, quando surge uma lacuna no conhecimento, o cientista não se protege com uma explicação sobrenatural. Isso poderia sugerir pânico, medo do desconhecido, uma atitude não científica. Para o cientista, toda lacuna no entendimento oferece um desafio excitante. Assume-se a ignorância e um programa de pesquisa é delineado. O que estimula o trabalho é a existência da lacuna. O cientista pode se permitir esperar e pode se permitir ignorar. Isso significa que ele tem algum tipo de fé – não uma fé nisto ou naquilo, mas uma fé, ou uma capacidade para a fé. “Eu não sei. Mas tudo bem! Talvez um dia eu saiba. Ou talvez não. Talvez então um dia alguém venha a saber.”

Para o cientista, quase tudo se resume a formular questões. As respostas, quando aparecem, apenas conduzem a outras questões. A ideia do conhecimento total é o pesadelo do cientista. Ele estremece só de pensar numa coisa dessas. Basta comparar isso com a certeza da religião para entender a diferença. A religião substitui a dúvida pela certeza. A ciência suporta uma infinidade de dúvidas e implica fé. Fé em quê? Talvez em nada, somente uma capacidade de ter fé ou, se é preciso

ter fé em algo, que seja a fé nas leis inexoráveis que governam os fenômenos.

A psicanálise avança onde a fisiologia se detém. Amplia o território científico para incluir os fenômenos da personalidade, do sentimento e do conflito humano. Afirma, por conseguinte, que é possível examinar a natureza humana e, quando o desconhecimento se manifesta, a psicanálise pode se permitir esperar sem apelar e fugir para formulações supersticiosas. Uma das principais contribuições da ciência é a parada súbita que provoca na pressa e no incômodo; dá tempo para fazer uma pausa. Podemos jogar boliche e ganhar dos espanhóis.²

Convido-o a manter separadas, em sua mente, a ciência e a ciência aplicada. Dia a dia, como praticantes da ciência aplicada, conhecemos as necessidades de nossos pacientes ou de pessoas normais que nos procuram para análise; frequentemente atendemos a essas necessidades, frequentemente fracassamos. O fracasso não pode ser evitado, assim como não se pode evitar que parte de um avião desenvolva certo tipo de cristalização e se desintegre num momento de esforço inesperado. Ciência aplicada não é ciência. Quando faço uma análise, isso não é ciência. Mas eu dependo da ciência quando trabalho naquilo que não poderia ter sido feito antes de Freud.

² No original, “*We may play our game of bowls and beat the Spaniards too*”. Winnicott evoca aqui as palavras de Sir Francis Drake, navegador inglês que liderou a vitória das tropas inglesas sobre a Invencível Armada espanhola na Guerra anglo-espanhola (1585–1604). Segundo a lenda, Drake teria proferido essa frase quando informado, durante um jogo de boliche na costa de Plymouth, da chegada da esquadra espanhola. [N.E.]

Freud foi capaz de desenvolver a teoria em que se baseia a psicanálise – e desenvolveu-a largamente ao longo de sua vida. Essa teoria em geral é chamada de metapsicologia (em referência à metafísica). Ele estudou as psiconeuroses, mas aos poucos estendeu suas investigações aos pacientes mais perturbados, os esquizofrênicos e os maníaco-depressivos. Muito do que hoje se sabe a respeito de psicologia das psicoses esquizofrênicas e maníaco-depressivas é resultado do trabalho feito por Freud e por aqueles que continuaram usando o método de investigação e tratamento inventado por ele.

Estou em desvantagem aqui, pois não conheço você e não sei o que você sabe; não sei sequer se concorda com o que eu disse ou se tem ideias muito diversas e acredita que as negligencie. É provável que você queira que eu descreva a psicanálise, e vou tentar fazer isso. Existe, é claro, muito a ser dito – se é que, no fim das contas, alguma coisa é dita.

Primeiro, você precisa ter uma ideia do esquema geral do desenvolvimento emocional do ser humano. Depois, precisa conhecer as tensões inerentes à vida e as formas de lidar com essas tensões. E aí precisa conhecer o colapso das defesas normais e a instalação da segunda e da terceira linha de defesa, isto é, a organização da doença como um modo de dar continuidade à vida após o colapso das defesas comuns. Os instintos subjazem às defesas, e são funções corporais que operam orgiasticamente.

É claro que parte da defesa que o indivíduo utiliza contra a ansiedade intolerável é sempre fornecida pelo ambiente. Em condições normais, o ambiente para a vida evolui com o indivíduo, de tal modo que a dependência do bebê³ gradualmente

3 *Infant*, no original. A palavra *infant*, em inglês, é usada na linguagem corrente como sinônimo de bebê, ou criança menor de dois anos

evolui para a independência das crianças mais velhas e por fim para a autonomia do adulto. Tudo isso é muito complexo e tem sido elaborado em detalhe.

É possível classificar as doenças em termos de colapso ambiental. É mais interessante, no entanto, estudá-las em termos da organização das defesas no indivíduo. Cada abordagem nos fornece algum ensinamento a respeito da vida das pessoas comuns: uma nos ensina sobre a sociedade; outra, sobre as tensões humanas pessoais, que são preocupação de filósofos, de artistas e da religião. Em outras palavras, a psicanálise influenciou profundamente nosso modo de considerar a vida, e muito mais ainda virá dela em relação ao estudo da sociedade e das pessoas comuns. Enquanto isso, continua a ser um método de investigação que não tem paralelo nem rival. Muitas pessoas, contudo, não gostam da psicanálise, nem da ideia da psicanálise, e assim há relativamente poucos analistas praticantes, quase todos radicados em Londres.

O que a psicanálise nos diz de mais importante a respeito das pessoas? Ela nos fala sobre o inconsciente, a vida profunda e oculta de cada indivíduo humano que tem raízes na vida real e imaginária da infância mais precoce. No início, o real e o imaginário são uma única coisa, pois o bebê não apreende o mundo de modo objetivo, mas vive num estado subjetivo, em que é criador de todas as coisas. Gradualmente, o bebê saudável torna-se capaz de perceber o mundo do não eu; para alcançar esse estado, precisa ser cuidado bem o suficiente durante a época de dependência absoluta.

de idade, antes de falar e andar. Nesta tradução mantivemos a distinção que o autor faz entre *newborn* (recém-nascido), *infant/baby* (bebê) e *toddler* (criança pequena ou de colo). [N.E.]

Por intermédio do sonho e do sonhar, as pessoas conhecem o próprio inconsciente, pois os sonhos representam uma ponte entre a vida consciente e os fenômenos inconscientes. *A interpretação dos sonhos* (1900) se mantém como um marco fundamental da contribuição de Freud.

É claro que, com frequência, os sonhos só aparecem como resultado de circunstâncias especiais da consulta. A psicanálise provê circunstâncias especialíssimas e os sonhos mais importantes nessa seara se referem direta ou indiretamente ao analista. Na “transferência”, o material para interpretação aparece na forma de uma série extensa de amostras do inconsciente reprimido, que revela defesas contra a ansiedade.

A psicanálise mantém relação especial com a ciência, na medida em que começa a revelar a natureza da ciência nos seguintes aspectos:

- 1 A origem de um cientista.
- 2 A maneira como a pesquisa científica lida com a ansiedade relativa à fantasia e à realidade (subjéctiva-objetiva).
- 3 O método científico do *impulso criativo* aparecendo como uma *nova questão*, ou seja, dependente do conhecimento sobre o conhecimento já existente.

A nova questão aparece em virtude de uma ideia a respeito de sua solução. A sequência do método científico pode ser vista como: a) instituição de expectativas; b) aceitação de provas ou de provas relativas; c) novas questões que emergem de um fracasso parcial.

E a estatística? Estatística é ciência? Pode ser usada para provar que certa resposta a uma pergunta é correta, mas quem fez a pergunta, e quem deu a resposta?

Às vezes se argumenta que o psicanalista é um psiquiatra tendencioso em favor de seu método, por causa de sua própria análise. Se isso é verdade em alguns casos, não há nada que se possa fazer. Isso não prova que a teoria psicanalítica esteja errada. A menos que o psicanalista tenha o talento de Freud, ele precisa vivenciar a psicanálise para poder praticá-la.

Como na hipnose, coisas surpreendentes acontecem na psicanálise; mas não de modo surpreendente. Elas acontecem passo a passo e, quando ocorrem, é porque são aceitáveis para o paciente. Não posso fornecer material psicanalítico espetacular. Seria mais fácil dar exemplos de mudanças espetaculares em psiquiatria infantil; mas na psicanálise propriamente dita, o paciente e o analista labutam o tempo todo, dia após dia, até o término do tratamento.

Por exemplo, um homem vem para a análise por não conseguir se casar. Gradualmente ele vai se revelando e descobre que: 1) tendências heterossexuais saudáveis sofriam a interferência de 2) identificação feminina como fuga à homossexualidade e 3) tabu do incesto aceito de modo excessivamente cuidadoso; então, ele ficava livre para ter qualquer mulher porque nenhuma representava a mãe do complexo de Édipo. Aos poucos, isso vai se solucionando e ele se casa, mas agora tem de constituir uma família. O problema seguinte é se resolver com o irmão, cuja existência ele negava. Nesse processo, ele descobre a profundidade do amor que, quando menino, nutria pelo pai.

Ele passa, então, a administrar melhor seu ódio pela figura paterna e torna-se uma pessoa que se relaciona com maior facilidade no trabalho. Desenvolve-se outro objetivo: explorar aspectos mais profundos ou mais precoces do amor a sua mãe, inclusive as raízes do self no impulso [*impulse*] primitivo. Resultado: não apenas a cura dos sintomas, como uma personalidade de

base mais larga, mais rica em sentimentos e mais tolerante em relação aos outros, pois mais segura de si mesma. Isso já se reflete na forma como manuseia seu bebê e na sua capacidade de apreciar o valor de sua bem escolhida esposa. Ao mesmo tempo, seu trabalho se desenvolve com mais impulso [*drive*] e originalidade.⁴

A estatística não poderia mostrar essas mudanças.

4 Winnicott usa ao longo do livro os termos *drive*, *impulse* e *instinct* como equivalentes. Na obra de Freud, há distinção entre *Trieb* e *Instinkt*, ambos traduzidos por James Strachey para a Standard Edition das obras completas de Freud em inglês por “*instinct*”. As traduções francesas de Freud mantiveram a diferenciação, optando por traduzir *Trieb* por “*pulsion*”, ou pulsão, tradução também adotada no Brasil. No entanto, há uma distinção conceitual importante entre esses termos usados por ele e os usados por Freud. Nesta edição, *instinct* foi traduzido por “instinto”, *impulse* por “impulso” e *drive* varia entre “impulso”, “pressão instintual” e “instinto”, evitando adotar o termo “pulsão”, que está no campo semântico do erotismo, diferente do campo a que se refere Winnicott. [N.E., elaborada por Leopoldo Fulgencio, do conselho técnico, para *O brincar e a realidade*, trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019.]

SAÚDE E DOENÇA

I

O CONCEITO DE INDIVÍDUO SAUDÁVEL

[1967]

PRELIMINARES

Usamos as palavras “normal” e “saudável” quando nos referimos a pessoas, e provavelmente sabemos o que queremos dizer.¹ De tempos em tempos pode ser proveitoso tentar explicitar o que queremos dizer – sob o risco de afirmar o óbvio ou descobrir que não conhecemos a resposta. Seja lá como for, nosso ponto de vista se modifica no decorrer das décadas, de modo que uma afirmação que servia para os anos 1940 pode ser quase inútil nos anos 1960.

Não vou começar citando outros autores que abordaram o assunto. Permita-me dizer de saída que a maioria de meus conceitos deriva dos de Freud.

Espero não incidir no erro de pensar que se pode avaliar um homem ou uma mulher sem levar em conta seu lugar na sociedade. A maturidade individual implica movimento em direção

¹ Palestra proferida na Psychotherapy and Social Psychiatry Section da Royal Medico-Psychological Association, em 8 de março de 1967.

SOBRE O AUTOR

Donald Woods Winnicott nasceu em 7 de abril de 1896, em Plymouth, na Inglaterra. Estudou ciências da natureza na Universidade de Cambridge e depois medicina na faculdade do hospital St. Bartholomew's, em Londres, onde se formou em 1920. Em 1923, foi contratado pelo Hospital Infantil Paddington Green – onde trabalhou pelos quarenta anos seguintes –, casou-se com a artista plástica Alice Taylor e começou sua análise pessoal com James Strachey, psicanalista e tradutor da edição Standard das obras de Sigmund Freud para o inglês. Em 1927, deu início à sua formação analítica no Instituto de Psicanálise, em Londres. Publicou seu primeiro livro em 1931, *Clinical Notes on Disorders of Childhood* [Notas clínicas sobre distúrbios da infância]. Em 1934, concluiu sua formação como analista de adultos e, em 1935, como analista de crianças. Pouco depois, iniciou uma nova análise pessoal, desta vez com Joan Riviere. Durante a Segunda Guerra Mundial, Winnicott trabalhou com crianças que haviam sido separadas de suas famílias e evacuadas de grandes cidades. Nos anos seguintes à guerra, foi presidente do departamento médico da Sociedade Britânica de Psicologia por duas gestões. Após um casamento conturbado, divorciou-se de Alice Taylor em 1951 e casou-se com a assistente social Clare Britton no mesmo ano. Foi membro da Unesco e do grupo de especialistas da OMS, além de professor convidado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e na London School of Economics. Publicou dez livros e centenas de artigos. Entre 1939 e 1962, participou de diversos programas sobre maternidade na rádio BBC de Londres. Faleceu em 25 de janeiro de 1971.

OBRAS

- Clinical Notes on Disorders of Childhood.* London: Heinemann, 1931.
- Getting to Know Your Baby.* London: Heinemann, 1945.
- The Child and the Family: First Relationships.* London: Tavistock, 1957.
- The Child and the Outside World: Studies in Developing Relationships.* London: Tavistock, 1957.
- Collected Papers: Through Paediatrics to Psychoanalysis.* London: Hogarth, 1958.
- The Child, the Family, and the Outside World.* London: Pelican, 1964.
- The Family and Individual Development.* London: Tavistock, 1965.
- The Maturational Processes and the Facilitating.* London: Hogarth, 1965.
- Playing and Reality.* London: Tavistock, 1971.
- Therapeutic Consultations in Child Psychiatry.* London: Hogarth, 1971.
- The Piggie: An Account of the Psychoanalytic Treatment of a Little Girl.* London: Hogarth, 1977.
- Deprivation and Delinquency.* London: Tavistock, 1984. [póstuma]
- Holding and Interpretation: Fragment of an Analysis.* London: Hogarth, 1986. [póstuma]
- Home Is Where We Start From: Essays by a Psychoanalyst.* London: Pelican, 1986. [póstuma]
- Babies and their Mothers.* Reading: Addison-Wesley, 1987. [póstuma]
- The Spontaneous Gesture: Selected Letters.* London: Harvard University Press, 1987. [póstuma]
- Human Nature.* London: Free Association Books, 1988. [póstuma]
- Psycho-Analytic Explorations.* London: Harvard University Press, 1989. [póstuma]
- Talking to Parents.* Reading: Addison-Wesley, 1993. [póstuma]
- Thinking About Children.* London: Karnac, 1996. [póstuma]
- Winnicott on the Child.* Cambridge: Perseus, 2002. [póstuma]
- The Collected Works of D. W. Winnicott.* Oxford: Oxford University Press, 2016. [póstuma]

EM PORTUGUÊS

- A criança e seu mundo,* trad. Álvaro Cabral. São Paulo: LTC, 1982.
- A família e o desenvolvimento individual,* trad. Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- O brincar e a realidade,* trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional,* trad. Irineo Constantino S. Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil,* trad. Joseti M. X. Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- The Piggie: o relato do tratamento psicanalítico de uma menina,* trad. Else P. Vieira e Rosa L. Martins. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- Privação e delinquência,* trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- Holding e interpretação,* trad. Sônia Maria T. M. de Barros. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- O gesto espontâneo,* trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- Natureza humana,* trad. Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Explorações psicanalíticas,* trad. José Octavio A. Abreu. C. Winnicott, R. Shepperd e M. Davis (orgs). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Conversando com os pais,* trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Pensando sobre crianças,* trad. Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WINNICOTT NA UBU

CONSELHO TÉCNICO Ana Lila Lejarraga, Christian Dunker,
Gilberto Safrá, Leopoldo Fulgencio, Tales Ab'Sáber

O brincar e a realidade

Bebês e suas mães

Tudo começa em casa

Da pediatria à psicanálise

© The Winnicott Trust, 1986

© Ubu Editora, 2021

Tradução atualizada conforme critérios estabelecidos pelo conselho técnico.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari e Isabela Sanches

ASSISTENTES EDITORIAIS Gabriela Naigeborin, Júlia Knaipp

REVISÃO DE TRADUÇÃO Gabriela Naigeborin

PREPARAÇÃO Cláudia Cantarin

REVISÃO Isabel Rodrigues, Ana Maria Barbosa, Cristina Yamazaki

DESIGN Elaine Ramos

ASSISTENTE DE DESIGN Livia Takemura

FOTO DA CAPA E PP. 2-3 Nino Andrés

MODELO DE MÃOS Jorge Wisnik

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

COMERCIAL Luciana Mazolini

ASSISTENTE COMERCIAL Anna Fournier

GESTÃO SITE/CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO/CIRCUITO UBU Maria Chiaretti

ASSISTENTE CIRCUITO UBU Walmir Lacerda

ATENDIMENTO Jordana Silva e Laís Matias

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Winnicott, Donald W. [1896-1971]

Tudo começa em casa/Donald W. Winnicott; traduzido por Paulo Cesar Sandler / Conselho técnico: Ana Lila Lejarraga, Christian Dunker, Gilberto Safra, Leopoldo Fulgencio, Tales Ab'Sáber / São Paulo: Ubu Editora, 2021. 336 pp.

ISBN UBU 978 65 86497 48 9

ISBN WMF 978 65 86016 74 1

1. Psicanálise. 2. Psicologia. 3. Infância. 4. Winnicott. 5. Medicina. I. Sandler, Paulo Cesar. II. Título.

2021-1901 CDD 150.195
CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150.195

2. Psicanálise 159.964.2

EDITORA WMF MARTINS FONTES LTDA.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133

01325 030 São Paulo SP

11 3293 8150

wmfmartinsfontes.com.br

info@wmfmartinsfontes.com.br

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

11 3331 2275

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

/ubueditora